INSTITUTO BAIANO
DO LIVRO

Hábito de Leitura no Brasil

Élio Régis • Francisco Gregório Filho • Adinoel Motta Maia • Elizabeth Naves • Marta Penzin • Ziraldo

ANAIS

IV Encontro de Editoração da Bahia

Digitalizado com CamScanner

Obras publicadas pelo IBL

A aventura editorial de Pinto de Aguiar, 1993
Anais do III Encontro de Editoração da Bahia, 1993

Digitalizado com CamScanner

INSTITUTO BAIANO DO LIVRO

Hábito de Leitura no Brasil

Élio Régis • Francisco Gregório Filho • Adinoel Motta Maia • Elizabeth Naves • Marta Penzin • Ziraldo

ANAIS

IV Encontro de Editoração da Bahia

Salvador, 1994

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Digitalizado com CamScanner

Sumário

Apresentação 7
Sérgio Mattos

Indústria editorial na Bahia 9
Élio Regis

Programa Nacional de Incentivo à Leitura 13
Francisco Gregório Filho

Sintonia autor, editor e mercado 31
Adinoel Motta Maia

Perfil do setor editorial brasileiro 53
Elizabeth Naves e Marta Penzin

A formação do leitor no Brasil 69
Ziraldo

Digitalizado com CamScanner

Programa Nacional de Incentivo à Leitura

Francisco Gregório Filho
Coordenador do Proler

Sérgio Mattos - Dando prosseguimento aos nossos trabalhos, convidaria o Sr. Francisco Gregório Filho, coordenador do Proler - Programa Nacional de Incentivo à Leitura - para fazer parte da Mesa.

Este ano, o IV Encontro de Editoração foi dividido em duas etapas, a primeira com dois cursos, um curso de preparação de texto, que foi ministrado pela professora Mitsue Morissawa, diretora da Casa de Edição, de São Paulo, e uma oficina de criatividade em Editoração e Artes Gráficas, ministrado pelo professor Ricardo Amadeo, do curso de Produção Editorial da ECA/USP. Na segunda etapa, destinamos um dia de palestras para as quais nós trouxemos o superintendente da Bahia Sul Celulose, que é um dos nossos patrocinadores, aliás, o patrocinador mais forte do encontro, que tem nos prestigiado desde o ano passado e que veio em substituição a Murilo Passos, presidente da Bahia Sul Celulose .

Temos aqui à Mesa o Francisco Gregório Filho, que é o coordenador do Proler, e, posteriormente, nós teremos o professor Adinoel Motta Maia . À tarde, teremos, a Elisabeth Naves e a Marta Penzin e, também, o Ziraldo. No encerramento teremos um coquetel .

Minha gente, o IV Encontro de Editoração da Bahia representa, para essa administração que está se encerrando agora, uma "missão a Garcia" que foi cumprida. Acredito que quando esta diretoria recebeu a tarefa de estabelecer, de instituir, de criar as condições para o funcionamento do Instituto Baiano do Livro, durante o encerramento do II Encontro, em 1991 , nós começamos do zero e conseguimos, realmente, tornar o Instituto Baiano do Livro uma realidade. Nesses dois anos, nós temos 25 realizações, fora os trabalhos que nós tivemos que desenvolver paralelo à implantação do instituto.

Desde o concurso público da logomarca do IBL, passamos a realizar cursos que visavam basicamente o treinamento de mão-de-obra especializada na área de Editoração; promovemos a mesa-redonda sobre a aventura editorial de Pinto de Aguiar que, posteriormente, foi transformada num livro publicado no início de 1993; tivemos participações em encontros nacionais de editores e livreiros; promovemos dois cursos de técnicas em Artes Gráficas aplicadas ao *desktop publishing*, com uma média de mais de 100 pessoas em cada um desses cursos; seminário de editoração de publicações oficiais, que promo-

Digitalizado com CamScanner

vemos junto com o governo do Estado; realizamos o lançamento da bibliografia de Editoração e Artes Gráficas; participamos da Bienal Internacional do Livro, em São Paulo; promovemos o III Encontro de Editoração, realizado no ano passado; curso sobre a construção do livro; lançamos o livro mimeografado, "Editoras Baianas - levantamento preliminar", pesquisa que continua em andamento; realizamos a primeira mesa-redonda sobre editoração na Bahia, quando conseguimos reunir autores, editores, livreiros, pequenos editores baianos e empresários da área gráfica, dando início à conscientização da necessidade de se criar e estabelecer uma grande editora na Bahia; promovemos exposição de livros da Livraria Progresso Editora, que foi a grande editora que a Bahia teve, com Pinto de Aguiar tendo publicado inúmeros títulos; promove-mos palestra do editor Pedro Paulo Sena Madureira, da Siciliano; e este ano, além do lançamento dos anais referentes ao terceiro encontro, realizado no ano passado, nós lançamos o livro sobre Pinto de Aguiar; promovemos a segunda mesa-redonda de editoração da Bahia, a qual surtiu alguns efeitos com as conclusões a que chegamos, entre elas a de que já estamos com todos os elementos necessários para que se estabeleça essa editora na Bahia. Surgiram, entretanto, algumas sugestões durante essa segunda mesa-redonda, tais como a de que a Bahia precisaria também criar condições para termos uma distribuidora baiana, talvez ela fosse mais importante do que uma editora, porque publicações nós temos e muitas. Se nós considerarmos um único jornal na Bahia, como o jornal *A Tarde*, nós podemos verificar que não tem nenhum dia que esse jornal não registre o lançamento de um livro no estado. É lançamento de livro, é noite de autógrafos, os livros continuam chegando, continuam sendo produzidos. Naturalmente com uma produção muito regional e específica, mas que não deixa de ser rica, demonstrando que o mercado está aí atuante e que tem mercado consumidor para livros .

Muitas das grandes editoras que nós temos no país têm edições de, no máximo, dois mil exemplares. Nossas edições, em média, são de mil a dois mil exemplares e se esgotam regionalmente, o que demonstra, realmente, que mesmo indiretamente, apesar de a gente não ter uma estrutura formal, que o mercado existe e que a produção de livro está aí.

Participamos, ainda, do 24º Encontro Nacional de Editores e Livreiros, como instituição; promovemos a palestra do *designer* gráfico Victor Burton e promovemos a I Mostra de *Design* Gráfico Editorial da Bahia, quando nós conseguimos reunir excelentes trabalhos de nossos capistas, de livros produzidos na Bahia, de livros de arte , livros com qualidade. E mais recentemente promovemos a oficina de criação literária, sob a coordenação da professora Flávia Garcia Rosa, nossa vice-presidente. Foi um projeto de estímulo à leitura. E esse projeto vai ter continuidade porque nós estamos reunindo pessoas

Digitalizado com CamScanner

vinculadas a área da leitura. Exatamente por isso nós convidamos o professor Francisco aqui para participar desse nosso empenho, e nosso empenho se destaca, acredito que possamos dizer sem falsa modéstia, pelo fato de sermos uma instituição sem fins lucrativos e que estamos conseguindo romper barreiras, todas as barreiras possíveis dentro deste estado. Promovemos, por fim , a exposição de livros latino-americanos e agora estamos promovendo este IV Encontro de Editoração da Bahia. Vejam que é um currículo já invejável para uma instituição sem fins lucrativos, que começou do zero .

Passaria, agora, a palavra para o professor Francisco Gregório Filho, coordenador do Proler que tem muita coisa a dizer e a explicar, inclusive como a gente pode participar melhor desse projeto nacional.

Professor, com a palavra .

Francisco Gregório Filho - Bom dia, professores, editores, leitores, à equipe do Instituto Baiano do Livro. Parabenizo aqui, na pessoa do Sérgio Mattos, por esse trabalho iniciado com o esforço desse grupo e desejando que ampliem e consigam a parceria de outras pessoas, de outras instituições nessas tarefas referidas agora há pouco. Agradeço o convite, a oportunidade de nós conversarmos um pouco sobre a questão da promoção de leitura no Brasil .

Nesse século, 100 anos de República no país, nós investigamos quais as iniciativas, as políticas adotadas para a promoção de incentivo à leitura no país, nós vamos encontrar as grandes campanhas. E campanhas que se registraram como eventos porque não ficaram, não estabeleceram ações sistemáticas, duradouras, e onde os governos, também , que foram assumindo não imprimiram uma continuidade e uma ampliação das ações iniciadas. No início da administração do professor Affonso Romano Sant'Anna, na Fundação Biblioteca Nacional, foi constituída uma equipe para pensar e propor algumas ações de incentivo à leitura no país.

Inicialmente foi elaborada uma proposta para uma política nacional de leitura, algumas teses, alguns pensamentos e um anteprojeto para uma política nacional de incentivo à leitura. Esse material foi distribuído para instituições, especialistas das várias regiões brasileiras para as sugestões, para as idéias, as críticas e nós chegamos a receber, aproximadamente, 90 respostas desses especialistas, desses estudiosos, desses pesquisadores da leitura no país.

Em 13 de maio de 1992, o governo instituiu o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, o Proler; o esforço para implantação de uma política nacional ainda não obteve uma resposta do Governo Federal, que também nós entendemos que essa política tem que contar com a participação de vários segmentos da sociedade, dos governos estaduais, municipais e como política ela não pode estar confinada ao Ministério da Educação e às secretarias estaduais e municipais de

Digitalizado com CamScanner

Educação. Uma política nacional de leitura necessariamente terá que permear todos os ministérios, todas as áreas de trabalho e de atuação dos governos.

Nós, investigando com os vários segmentos em várias regiões brasileiras, sempre encontramos algumas falas mais freqüentes como: " não leio porque não me ocorre pegar um livro e ler", " não tenho essa necessidade" ," não me habituei", " não fui introduzido", " não tive uma iniciação a esse universo". E vão seguindo as falas sobre o não prazer ou a não descoberta do prazer de ler. Duas outras questões, também , são colocadas com freqüência: não leio porque não tenho dinheiro para comprar o livro ou não leio porque não tenho tempo - são as colocações mais freqüentes entre outras. Nós sabemos que uma questão muito séria para nós pensarmos e trabalharmos e darmos o enfrentamento é a questão da iniciação, da oportunidade que as pessoas têm ao ingressarem nesse universo do prazer, da descoberta do prazer, da paixão de ler .

Nós do Proler pensamos quais ações poderíamos priorizar para enfrentarmos essa situação no Brasil . Três ações nós colocamos como prioritárias: uma ação, primeira, de conhecer as experiências que estão sendo desenvolvidas no país, nas várias regiões, quem promove leitura, com que universo, com que recursos, com que instituições, com que clientela, em que região. E o interesse desse conhecimento é de, primeiro, possibilitar que essas experiências saiam do isolamento , que elas sejam divulgadas, difundidas e sirvam de exemplos, de estímulo à criação, ao surgimento de novas experiências. E, também, de oferecer contatos das várias experiências para qualificação, a troca , o conhecimento entre si .

Eu coloquei ali no quadro uma notícia pra vocês, a notícia da Casa da Leitura. Fica em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, num prédio, um palácio muito bonito, que nós conquistamos este ano. Inauguramos a Casa no dia 13 de agosto. Corria a notícia no bairro que ali residiam as assombrações, que era um palácio mal assombrado; este palácio estava nas mãos do Governo Federal e ele estava tentando vendê-lo, e colocou-o em leilão por duas vezes e não conseguiu quem arrematasse, quem comprasse. Nós, então, solicitamos o prédio para esse espaço, o espaço da leitura e nós conseguimos. O prédio foi doado para a Biblioteca Nacional e nós instalamos a Casa da Leitura, esta Casa da Leitura está trabalhando, constituindo ali um centro de referência sobre a promoção de leitura no país. As teses, as pesquisas, as publicações, as investigações estão lá à disposição dos interessados, um acervo especializado sobre leitura e promoção de leitura, um banco de dados com registro dessas experiências que estão sendo desenvolvidas no país, para qualquer pesquisador, educador, pai, todos os interessados. Nós ainda estamos nos primeiros passos, nos primeiros trabalhos, desenvolvendo contatos nas regiões para conhecermos e coletarmos os registros e a documentação dessas experiências.

O palácio foi construído em 1925 por um comendador que ofereceu à

Digitalizado com CamScanner

namorada e ali residiu com a namorada e depois virou casa de festas, centro de documentação dos fuzileiros navais da Marinha e, por último, estava servindo às Pioneiras Sociais. As Pioneiras Sociais construíram um anexo, um prédio de três andares, que nós estamos iniciando a reforma para ali instalarmos um centro de formação e capacitação de recursos humanos para promoção de leitura. Estaremos recebendo as delegações dos vários estados para uma temporada intensiva, um mergulho nas questões que dizem respeito à promoção da leitura.

Esse centro de capacitação, nós vamos conversar um pouco mais daqui a pouco, ele está dentro da segunda ação que nós consideramos prioritária, que é a ação da capacitação de recursos humanos e que nós vamos falar ainda sobre ela. Mas eu queria dar notícia completa do palácio e dizer que ele também é um centro de práticas leitoras, onde lá desenvolvemos programas de leituras com as várias linguagens: a leitura de um texto, a leitura de um texto de ficção, leitura de um texto artístico, texto da aventura, texto do imaginário; trabalhamos com a leitura da linguagem gráfica, um desenho de uma cidade, uma ilustração, uma fotografia, um quadro; trabalhamos com o vídeo, com o cinema, com as expressões corporais, verbais, enfim, um centro de práticas leitoras com as várias linguagens. Mas o que nós privilegiamos é o trabalho com a literatura, com o texto que ofereça o exercício da produção da leitura, que ofereça possibilidade para o leitor se constituir como sujeito-intérprete da sua leitura e produza leitura, produza opinião sobre a sua leitura .

Como desenvolver um programa de leitura no país com as ações prioritárias de constituir uma rede nacional de leitura, com as diversas experiências, com uma ação de capacitação de recursos humanos, se falta uma outra questão prioritária no Brasil , que é o movimento dos acervos? Como dinamizar os acervos existentes, como desconfiná-los, como descentralizá-los, como promover a circulação desses acervos ? Essa é uma outra ação considerada por nós prioritária e que nós estamos iniciando em parceria com as várias instituições e os segmentos da sociedade brasileira .

Encontramos nesse período em que nós estamos visitando as cidades, as instituições, os especialistas, os promotores de leituras experiências interessantes com acervos . Temos hoje um movimento crescente com o acervo circulante, o acervo em cima de rodas: caminhões-bibliotecas; ônibus-bibliotecas; kombis-bibliotecas; carroças; charretes; motocicletas; bicicletas-bibliotecas... mochilas-bibliotecas... Nós estamos encontrando essas experiências nas várias regiões, até essa que eu encontrei no Rio Grande do Sul, na região de Passo Fundo, onde os professores e os estudantes da universidade colocam a mochila e saem para os vários pontos da cidade e anunciam, através do rádio, esses pontos: o bar da esquina da rua tal, a praça xis, o centro comunitário tal, lá estarão os mochileiros da leitura, e ali eles desenvolvem com a população , com os interessados os

Digitalizado com CamScanner

círculos de leituras , as conversas sobre as leituras desses livros.

Uma questão que nós estamos trabalhando hoje é a questão dos municípios que, pela legislação, eles dotam a área de educação com 25 % do orçamento municipal. Esses recursos , esses 25% do orçamento para a educação, às vezes, não são aplicados na aquisição de livros, adquirir, comprar livro não é uma ação considerada importante por algumas prefeituras , algumas secretarias . Tem dinheiro para todas as atividades, tem dinheiro para todos os programas , mas na hora de comprar livro, o secretário diz que não tem dinheiro para comprar livro para formar um acervo. Nós conversamos com prefeitos de cidades pequenas: a prefeitura pode comprar 10 títulos por mês? Dez exemplares por título ? Ela compra no mês 120 livros, no final do ano ela comprou 120 títulos e 1.200 exemplares . Uma cidade um pouquinho maior pode comprar 100 livros por mês? Uma cidade de porte médio pode comprar 1000 livros por mês para começar a atualizar suas bibliotecas, seus acervos ? É dever dos governos a compra e a colocação desses livros para a população. E aí entra a questão que eu falava para vocês das respostas que as pessoas oferecem , dizendo que não têm dinheiro para comprar o livro porque é muito caro e não têm tempo pra ler.

Se nós trabalharmos com mecanismos falicitadores de empréstimo, trabalharmos com acervos circulantes, acervos montados em áreas diversas, e aí é uma satisfação dizer para vocês que hoje nós já estamos ouvindo dos prefeitos que nos procuram : "Olhe , eu já estou construindo uma rodoviária e na rodoviária já tem lá uma sala de leitura com um acervo e uma pessoa que nós vamos colocar"; "Olhe , construímos um mercado e no meio do mercado coloquei o coreto da leitura com um acervo e uma equipe que desenvolverá um trabalho com esse acervo". Há prefeitos que estão colocando acervos nas praças, nos parques, enfim, acervos nas estações rodoviárias, ferroviárias, metroviárias, acervos próximos dos cidadãos.

Esse trabalho de descentralizar, desconfinar, fazer circular, aproximar os livros dos leitores é um trabalho que vem crescendo nas várias cidades, as várias prefeituras das diversas regiões e é um trabalho animador, porque aí, também, com o envolvimento dos outros segmentos, as empresas públicas, as empresas privadas, as repartições ... Vou dar um exemplo pra vocês de um contato: a Caixa Econômica estuda conosco a colocação de um acervo nas agências bancárias ; inicialmente 200 títulos de livros de literatura de autores brasileiros estariam à disposição de correntistas nas agências bancárias com uma estante de livros e um mediador para esses livros . Esse mediador trabalhará com esses correntistas com mecanismos de empréstimos de livros e aí a agência tem a garantia da volta do livro porque o número da inscrição do leitor é o mesmo número da conta corrente dele .

Essa outra questão das perdas eu queria falar pra vocês. Nós estamos

Digitalizado com CamScanner

associados a um trabalho que a Petrobrás vem financiando no Rio de Janeiro, chamado "Os caminhões da aventura" e "Leia, Brasil" - são caminhões que transportam quinze mil livros e durante a semana eles freqüentam os pátios das escolas que não têm bibliotecas e não têm salas de leitura para emprestar livros por quatro semanas aos alunos e aos professores e retornam 28 dias depois para emprestar novos livros e recolher os emprestados. Durante um ano de trabalho, a perda foi de dois por cento, mesmo assim, nós localizamos este índice porque o incêndio no Morro Santa Marta, provocado por uma disputa de gangues prejudicou, quer dizer, queimou parte dos livros emprestados aos alunos moradores do Morro Santa Marta, em Botafogo. Nos finais de semana esses caminhões saem para um trabalho com as comunidades, as associações de moradores, também aí, com atividades de leitura, com atividades culturais e com empréstimo de livros o percentual de perda é muito pequeno, e eu vou dizer por quê. Está junto a esse serviço de empréstimo, um trabalho de promoção da leitura, de conscientização da leitura com os interessados, então, o livro passa a ser peça de referência afetiva, peça do coração. Eu leio esse livro e sei que outra pessoa vai precisar ler, eu tenho que passar esse livro para outra pessoa ."Olha eu li a nova antologia do Borges. Imperdível ! É fantástico, não deixe de ver, leia esse livro este mês, olha eu o empresto, o caminhão empresta, a biblioteca xis empresta, vai ler, é fantástica, as prosas do Borges, os depoimentos, a memória do Borges. Esse livro é do Borges, esse livro é meu, esse livro é seu também".

Então, esse carinho, esse cuidado com o livro ele vem com esse programa, com essa atenção ao leitor, e assim como eu digo: "O piano" é um filme fantástico, você não pode perder, é fantástico, está aí nos cinemas, vai ver, é fantástico; a exposição do Mestre Vitalino, lá no Centro Cultural do Banco do Brasil, é imperdível, vai ver, é fantástica; o filme "Como água para chocolate", que está aí nos cinemas e está também nos livros nas livrarias, é imperdível, vai ver, é fantástico.

Olha, a antologia do Borges é fantástica, você tem que ter, tem que pegar, tem que cheirar, tem que estar com ele no coração, eu te empresto, se você não tem eu te empresto.

Então, esse trabalho de difusão, de divulgação do livro, do objeto, da peça junto aos leitores, junto aos cidadãos é importante, esse trabalho de acervos públicos com mecanismos facilitadores de empréstimos do livro é importante para enfrentarmos a questão do não tenho dinheiro para comprar o livro, eu não tenho dinheiro mas eu posso pegar esse livro emprestado na biblioteca, no caminhão, na praça, na minha repartição tem um acervo eu posso apanhá-lo, na empresa em que trabalho, nos canteiros de obras, nas usinas, nas fábricas, nas universidades.

Digitalizado com CamScanner

Esses acervos públicos, essas bibliotecas públicas à disposição da população brasileira é um serviço social importantíssimo, fundamental hoje no país. Hoje nós estamos vivenciando e até participando de uma campanha contra a fome, uma campanha de cidadania contra a fome; nós estamos participando, contribuindo com alimentos para aproximadamente 35 milhões de pessoas miseráveis, excluídas do acesso aos bens produzidos pelos homens, pela sociedade. Por coincidência, são 35 milhões de brasileiros analfabetos. Agora, são 35 milhões de analfabetos que não ingressaram no universo da leitura, mas também nós temos outros tantos milhões de brasileiros que aprenderam a ler e a escrever, mas aprenderam a decodificar signos e palavras e não são intérpretes, não são produtores de leitura, e nós temos então uma multidão brasileira, que nós calculamos um pouco mais de 130 milhões de brasileiros precisando descobrir esse universo, esse prazer da leitura.

É possível que se nós oferecermos a essa população que precisa do alimento, também, esse instrumental da leitura, com um programa mediador, é possível que essa população possa transformar esse quadro dramático social brasileiro. Vocês estão lendo os jornais, os estudiosos, pesquisadores, sociólogos já estão anunciando para daqui a seis anos, ano 2000, o Brasil terá 95 milhões de miseráveis.

Como oferecer a essa população um instrumental de transformação que esse indivíduo, com esse instrumental, possa transformar o entorno e contribuir para transformar a sociedade, transformar a si mesmo e transformar a sua comunidade, sua cidade ou seu país? Quem sabe esses cidadãos, com esse instrumental, produzindo leitura não produzirá um número menor de João Alves, infelizmente conterrâneo de vocês aqui da Bahia. Essa população brasileira precisa desse bem, precisa desse instrumental para a sua libertação, para a sua transformação.

Se você ler os dados estatísticos apenas, já lhe oferecem um quadro dramático. E se você percorre o Brasil, visitando as escolas, as universidades brasileiras, você vê que a estatística não revela, ela mascara a situação da educação no país. Você ouvir dos prefeitos que a média de matrícula por aluno "quatro vezes e meia do meu município", "no meu é cinco, é seis", "não, no meu baixou para três vírgula oito matrículas por aluno"; "não, na minha cidade, de cada cem, dois chegam à oitava série", "na minha um chega à oitava série", "não, na minha não chega nenhum". É dramático, e é dramático quando você verifica que os que têm acesso, os que estão concluindo a escolarização saem das universidades, da escola, da escolarização não leitores.

Nós sabemos que a sociedade brasileira é muito generosa com a escola, com a universidade, ela quer ver o seu filho doutor, e a escola quer responder a isso. Agora, a escola não percebe que também essas famílias querem ver os seus filhos cidadãos. E o diretor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro é um exemplo. Nos procurou para uma conversa: há 30 anos eu

Digitalizado com CamScanner

trabalho na Escola de Arquitetura, há 30 anos sou testemunha de gerações de arquitetos que saem para o mercado beirando a mediocridade, porque eles saem com os livros técnicos debaixo do braço e as cidades brasileiras estão aí enfeiadas, empobrecidas esteticamente, empobrecendo as relações da população.

Como fazer para um arquiteto descobrir a leitura e começar a desenvolver um trabalho de leitura do imaginário do povo para que ele possa construir cidades, prédios, condomínios integrados aos contextos culturais, aos contextos ambientais?

A Rede Globo nos procurou há três semanas, a Seção de Recursos Humanos da Rede Globo." O que nós podemos fazer? Os jornalistas estão empobrecendo as notícias. Eu não sei quais os interesses, eu quero só trazer essa notícia deles.Nós recebemos 200 candidatos ao jornalismo por mês, pra rádio, jornal e televisão. Nós pedimos apenas que eles façam, articulem uma matéria e não sai, são todos formados, eles não têm leitura, não têm repertório, são incapazes de ter discernimento de uma informação e dos conceitos que essa informação traz, não têm discernimento, não têm criatividade, não têm crítica dos fatos, não sabem ler um fato político, uma postura de um administrador, de um político. O que nós podemos fazer para melhorar o jornalismo através da leitura?"

As várias universidades brasileiras trabalham prestando assessorias às prefeituras municipais, principalmente na área de educação, e aí o MEC nos informa: o volume de recursos repassados para atualização do professor, a chamada reciclagem do professor, e você vai verificar os programas dessas reciclagens: memorização de conteúdos - você atualiza um professor com memorização de conteúdos? E a leitura, cadê o espaço da leitura nesses programas de atualização de profissionais, principalmente profissionais educadores?

Imaginem vocês o exército de professores que o país tem, imaginem se esses professores fossem leitores. A sociedade seria diferente hoje? Poderíamos ter um outro quadro? É claro que temos que nos aliar ao movimento de recuperação da dignidade do professor, que o professor trabalhe com o saber, recupere o saber, recupere o salário, recupere as condições de estudos e pesquisas, que seja um cidadão, um profissional com dignidade e integrado à sociedade. Esse movimento nós temos que trabalhar juntos, aliados.

Agora, o quadro nós não podemos mascarar. Como um professor vai formar um aluno leitor se ele não é leitor, se ele não lê o livro? E as experiências são dramáticas, até alguns acervos chegam às escolas e os professores vão trabalhar com os alunos com esses acervos,mas eles não lêem os acervos e os alunos não têm, então, com quem desenvolver uma interlocução. E aí as editoras já estão contribuindo com esse quadro porque na primeira página ou no encarte desse livro vem as perguntas que o professor deverá formular aos alunos; na última página ou no encarte final vem as respostas que os professores terão que cobrar

Digitalizado com CamScanner

dos alunos. A leitura desse livro, desse texto não importa para o professor, a editora já está oferecendo as perguntas e as respostas, e basta você abrir um caderno em qualquer parte do país, em qualquer região, em qualquer cidade, abrir um caderno de um aluno e você vai perceber o perfil do professor pela enunciação das questões, pela formulação das questões e pela relação do professor com o aluno através do caderno, do livro.

Precisamos desse aliado, o professor. Precisamos trabalhar com esses professores, por isso esse desafio que colocamos como prioritário: capacitar recursos humanos para promoção da leitura. Vocês perguntarão: capacitar recursos humanos para promoção da leitura? Sim, trabalhar com profissionais que descubram esse prazer de ler, que ingressem no grupo dos apaixonados pela leitura, e aí, sim, eles poderão se transformar em formadores de leitores. Um professor não-leitor não forma um aluno leitor; uma bibliotecária não-leitora não vai formar nenhum aluno, nenhum frequentador de biblioteca-leitor. As bibliotecárias estão presentes, inclusive a Conceição Gama, diretora do sistema estadual de biblioteca aqui da Bahia, e eu conto uma historinha que elas me jogam tomates, mas é de provocação, é carinhosa essa historinha que eu conto: o aluno foi à biblioteca procurar informações sobre dinossauros, queriam saber sobre dinossauros, e a atendente, a auxiliar da biblioteca, a bibliotecária prontamente entregou a esse menino a enciclopédia, aberta na página 27, ele copiou e foi embora, e na prateleira de ficção mil aventuras dos dinossauros e que essa bibliotecária não conhecia, não leu e perdeu a oportunidade de iniciar esse aluno nesse universo da fantasia, do imaginário e das aventuras do imaginário.

Nós temos hoje no país pouco mais de três mil bibliotecas públicas, e aproximadamente três mil bibliotecas privadas. É um número muito pequeno. Algumas dessas bibliotecas são aparelhadas, equipadas, os acervos são atualizados, mas é um número muito pequeno. A maioria das bibliotecas brasileiras não são aparelhadas, os acervos são defasados, principalmente acervo de literatura. Como desconfinar esses acervos, descentralizar, fazer esses acervos saírem para a população, como dinamizar esses acervos? O que não é o que algumas bibliotecas desenvolvem, que é a animação cultural. Você vai a uma biblioteca, são tantas atividades! Aí você vai procurar o leitor; onde é que está a conexão dessas atividades com a leitura, com o trabalho de formação de leitores? E aí você vai à seção de literatura, à seção de empréstimos; quantos livros de literatura foram emprestados esse mês, esse semestre? Seis. Procure aqui a biblioteca da universidade, procure o acervo de literatura, perguntem nesse campus universitário quantos livros de literatura foram procurados? Vocês saberão, vocês terão as respostas.

Então, é um desafio que nós estamos enfrentando e propondo em parceria com as instituições brasileiras, universidades, secretarias estaduais, municipais de

Digitalizado com CamScanner

educação, de saúde, de economia, área cultural. O Ibam - Instituto Brasileiro de Administração Municipal - organizou um grupo de prefeitos para um trabalho, e esses prefeitos falavam de leitura como um acervo confinado num prédio. Depois desse trabalho que nós realizamos com esses prefeitos, esses exemplos que eu citei já começam a aflorar.

Então, nós precisamos de que um grupo de pessoas na Bahia faça isso com os prefeitos baianos, com as instituições baianas, mobilização para a criação, atualização, a circulação de acervos. Agora vejam, junto com esse movimento de acervos é necessário o mediador com a leitura. Numa sociedade não leitora, não basta você dar o livro .

Esse trabalho de registro das experiências, divulgação dessas experiências que estão acontecendo, esse trabalho precisa ser estimulado, desenvolvido para essa troca, para esse estímulo, para outras iniciativas surgirem em outros espaços. Nós temos, hoje, programas de leitura em hospitais, nas construções com os trabalhadores, os operários da construção civil nos canteiros de obras, nas empresas, nas usinas, nas fábricas, nas repartições, nas praças... Nós estamos inaugurando agora, dia 30, lá em Laranjeiras, com a Associação de Moradores de Laranjeiras, uma experiência chamada "Janela da leitura". É uma banca de jornal na praça, onde, ao invés de você encontrar o jornal, você encontra livro, e tem uma sala da associação onde guarda o estoque dos exemplares desses títulos, e a população moradora do bairro de Laranjeiras tem acesso a esses livros emprestados. E quem está comprando o acervo? Os comerciantes do bairro. E aí nós preparamos uma equipe, essa equipe vai trabalhar esses acervos nos condomínios, nos clubes, no parque, no centro comunitário, no centro paroquial, enfim, na praça, nas casas das pessoas.

A sociedade civil também se mobiliza para esse movimento da leitura, desse movimento de fazer chegar à população esse bem social, esse instrumental para a cidadania, que é o livro.

Nós realizamos em outubro o Encontro Internacional de Políticas Nacionais de Leitura para a América Latina e Caribe, e nós contamos com a presença da Venezuela, que desenvolve uma política de leitura, Colômbia, México, Cuba, Argentina, Uruguai. Os países da América Latina estão preocupados com essas políticas, mas também nós vamos encontrar essas preocupações em países desenvolvidos, por exemplo: a Unesco vem desenvolvendo um trabalho de leitura na Europa, com o governo da Bélgica. Aquela família que desenvolve um programa de leitura em casa tem tais benefícios, tais isenções de impostos, tais premiações. Eu roubei, fiz um furto cultural da Varig, roubei essa revista *Ícaro*; entrei no avião e abri, e aqui tem uma matéria: leituralização ou leiturização, essa notícia aqui traz o seguinte: na França 50% da população não leram livro nos últimos anos, apenas 15% da população francesa frequentam bibliotecas. E veja,

Digitalizado com CamScanner

é um país acima de qualquer suspeita, culturalmente falando. Então, há uma preocupação, hoje, no mundo inteiro por esses trabalhos, por essas políticas de leitura.

Nos Estados Unidos quem assume o papel, a coordenação de um programa de leitura é o Congresso Nacional, é a biblioteca do Congresso Nacional, que tem a primeira dama como a coordenadora e nos Estados Unidos apenas nove por cento da população lêem. Então há grande preocupação lá em formar leitores, em formar cidadãos produtores de leitura, e eu estou trazendo essa notícia para dizer que são preocupações de países desenvolvidos, e nós no Brasil precisamos desse instrumental também para pensarmos no desenvolvimento socio-econômico-cultural, com esse instrumental da leitura, oferecendo, possibilitando que esses cidadãos tenham acesso, participem das questões brasileiras, emitindo opinião, produzindo opinião, produzindo leitura.

Essa Casa da Leitura, ela é singular, existe outros trabalhos em outros países, mas com essa formatação da Casa da Leitura não, ela é singular, e é possível no país se criar nas cidades, também, espaços como esse, núcleos de irradiação da promoção da leitura, da qualificação dos profissionais para leitura, e aí eu trago aqui uma notícia boa da Bahia: nós já estamos trabalhando na Bahia na região do Sudoeste baiano, a Universidade do Sudoeste da Bahia (Uesb) nos convidou e o trabalho começou há um ano atrás, inicialmente com seis municípios: Vitória da Conquista, Jequié, Itapetinga e mais três municípios, Brumado, Poções, e hoje o trabalho já começa a penetrar em 16 municípios da região do Sudoeste baiano, e aqui nós temos a Ivana, de Jequié, que poderá falar para vocês, quando vocês se interessarem, numa oportunidade possível, do trabalho que está sendo feito em Jequié através das rádios, nas escolas, nos hospitais, com as comunidades rurais, com a universidade, enfim, uma representante do núcleo de Jequié está aqui e poderá falar para vocês.

Nós já estamos trabalhando em Goiás, em Minas Gerais, estamos trabalhando como Bahia, que nós começamos pelo Sudoeste, em Minas Gerais começamos pela região da Zona da Mata, com a Universidade Federal de Viçosa e mais seis municípios em torno. Estaremos indo, domingo, 20 especialistas para Rio Branco (Acre), onde nós trabalharemos nessa ação de captação de recursos humanos com 600 profissionais das diversas áreas: médicos, enfermeiros, engenheiros, professores, bibliotecários, para um programa de leitura no estado do Acre, envolvendo Sesi, Sesc, municípios, prefeituras, secretarias, fundações culturais, Universidade Federal do Acre, enfim, escolas particulares, um grande movimento para um programa estadual.

E nós estivemos ontem trabalhando com a Uneb. Convidamos a Universidade Federal, que, infelizmente, não pôde comparecer. Com outras instituições e segmentos, trabalhamos ontem para pensarmos também num programa de

Digitalizado com CamScanner

leitura aqui em Salvador.

A Flávia, do Instituto Baiano do Livro (IBL), representou o instituto e tem maiores informações, depois, vocês interessados, poderão contactar a Flávia para as reuniões do comitê do Proler, do programa de leitura aqui em Salvador.

Desculpem a extensão do tempo, eu fico à disposição para as perguntas, para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Muito obrigado.

Sérgio Mattos - Na ausência do professor Rui Espinheira, que deveria fazer os comentários sobre essa exposição do professor Francisco Gregório Filho, cabe-me tecer algumas considerações.

Naturalmente que a gente está diante de uma pessoa que poderíamos classificar como verdadeiro missionário do livro , até a forma como ele segura o livro, acaricia o livro denota e passa essa ação missionária. Acredito que o trabalho está um tanto quanto embrionário, é um esforço que está sendo feito a partir da Casa da Leitura e que começa a se estender por todo o país, encontrando ainda algumas dificuldades.

Mas, a propósito de alguns comentários tecidos pelo professor, eu fiquei com algumas dúvidas e talvez até preocupações. Por exemplo, claro que a gente fazer experiências e levar o livro para todo canto é interessante e deve ser estimulado. Mas, a pergunta que se faz é: que tipo de livro está sendo levado? Porque quando se faz uma experiência como essa da Caixa Econômica pode ser realmente uma experiência fantástica, mas ao mesmo tempo eu fico com minhas dúvidas: que tipo de livro, que tipo de autor está sendo encaminhado para os seus clientes?

Nós não correríamos o risco de ter livros apenas *best-sellers* nessas agências porque o cliente de um banco estaria numa faixa diferente e procuraria livros também de autores já mais conhecidos? Eu não sei se há preocupação do Proler de não apenas promover a reposição dos acervos públicos, mas também abrir espaços para novos autores.

Num momento em que a gente cria bibliotecas ambulantes, mochileiros com livros, mochileiros-bibliotecários, livros em salas de leitura de estações rodoviárias... Tudo isso, é óbvio, é estimulante! Mas, é muito importante a gente ver que tipo de livro está sendo colocado, porque a tendência natural seria a de se levar os livros tradicionais. Quer dizer, aqueles dos autores mais conhecidos. E o que está se fazendo para estimular a descoberta de novos talentos? São pontos que deveriam ser considerados.

A preocupação que existe, por exemplo, em relação ao jornalismo, no Sul do país principalmente, tem sido freqüente. Em todos os encontros que tenho participado observo que alguns professores e jornalistas tradicionais têm se queixado do nível do jornalismo do Sul, principalmente São Paulo; provavel-

Digitalizado com CamScanner

mente no Rio não está muito diferente. E eu tenho me questionado em relação a isso, porque , aqui na Bahia - eu sou professor no curso de Comunicação - nós temos observado, pelo menos nos últimos cinco anos, que houve um processo de elitização do curso. Quer dizer, os alunos que freqüentam o curso de jornalismo, na Bahia, nos últimos anos, são advindos de uma elite da classe média alta, porque são freqüentadores de escolas particulares, as quais oferecem uma competição maior nos vestibulares, por isso estão sendo aprovados. E há esse processo de elitização na Ufba, não só no curso de jornalismo mas nos demais cursos.

E quando a gente compara o nível do nosso alunado, aqui, de jornalismo, com o alunado de Rio e São Paulo, onde os professores se queixam, eu fico surpreso. Porque, de repente, o nosso nível de alunado melhorou, o nível dos professores também melhorou, em função dos cursos de pós-graduação e há um choque de de pontos de vista em relação ao preparo desse pessoal. Será que a gente avançou demais e o pessoal do Sul regrediu?

Bóris Casoy, certa feita, fez um comentário a respeito dos jornalistas que se formam no Sul do país que me deixou preocupado. Claro que esse comentário que o senhor fez em relação ao jornalismo da televisão, principalmente, é preocupante, e isso preocupa, também o jornalismo impresso. Porque a televisão está sendo, hoje, um ponto de referência específico do povo brasileiro que não tem mais lido, não lê jornal, livros, nada, baseia-se ,apenas, nas informações que a televisão nos passa.

Mas todo esse processo, incluindo também os comentários que foram feitos em relação ao resgate do professor, claro que professor, hoje, não tem mais dinheiro para comprar livros, quer dizer, os salários estão muito baixos, como o senhor mesmo falou. Então, na verdade, nós estamos vivendo uma crise, uma mudança total no país. E eu espero que esses esforços que nós estamos fazendo isolados, todos juntos venham a se concretizar e que a gente saia, realmente, do buraco, no sentido não só de recuperar a dignidade do professor, de resgatar o hábito da leitura no país, fazer com que se consuma mais livros, não apenas para serem colocados nas estantes, mas consumidos e lidos; mas a gente não pode esquecer, também, o estímulo aos novos talentos. Neste sentido, eu gostaria de ouvir uma palavra do professor, em relação ao que o Proler tem feito, no sentido de estimular a criação de novos talentos?

Francisco Gregório Filho - Bom, é o Programa de Incentivo à Leitura. Nós vamos privilegiar, nesse trabalho, as indicações das obras abertas, as obras ricas que possibilitem leituras plurais. É claro que nós vamos trabalhar com os clássicos e com os contemporâneos também. Nós estamos oferecendo listagens básicas para montagem de acervos. Essas listagens não fomos nós que elaboramos para uma atitude dirigista e direcionada. Essa montagem dessa

Digitalizado com CamScanner

listagem, foi feita considerando as indicações dos vários segmentos da sociedade. A Fundação Nacional do Livro infantil-juvenil indica, anualmente, as edições merecedoras de um trabalho, de uma atenção e de uma leitura. Essa listagem do livro infanto-juvenil está nessa listagem que nós oferecemos. O grupo de escritores, professores, especialistas, pesquisadores, também, indicou uma listagem , nós oferecemos essa listagem. Nós tentamos, sempre, esclarecer que o trabalho de iniciação à leitura merece um cuidado especial com o acervo, com a obra, preferencialmente trabalhará com a obra aberta, a obra que mereça , que possibilite leituras, que estimule o imaginário, que ofereça as referências estéticas, éticas, de interação, de possibilidade de interagir com o social. São essas obras que nós sugerimos e trabalhamos. Nós não excluímos nenhuma outra obra.

Agora, nós chamamos a atenção; faz-se um acervo do professor, você vai na prateleira do curso de Pedagogia, do curso de Formação de Professores, e você encontra todas as teorias, todas as teses teóricas do construtivismo a todos os ismos e você pergunta se nessa prateleira tem o Bartolomeu Campos Queiróz, tem o Ziraldo, tem a Ana Maria Machado, tem Monteiro Lobato, tem Cecília Meirelles e não tem. Então, esse professor que está sendo formado para a sala de aula, sai da faculdade sem repertório, sem possibilidade de experimentar com seus alunos as várias leituras, as várias viagens por outros mundos, por outros universos, por outras culturas.

E nesses acervos que estão sendo formados, nas cidades, com o engajamento dos autores nesse movimento, é possível que aí sejam incluídos nos acervos esses novos autores, novos escritores regionais que, também, enriquecerão esses acervos.

Agora, essa é uma mobilização da sociedade. Quer dizer, o escritor, também, participa desse movimento. Nós não temos uma ação direcionada para um acervo que possibilite esse trabalho de iniciação do prazer de ler, da paixão da leitura, da paixão desse bem que é esse livro e fazer com que esse livro chegue ao coração. É esse o trabalho.

Nós temos uma estratégia de capacitação de recursos humanos, e em dois anos nós realizamos seis módulos. Módulo zero, um, dois, três, quatro e cinco, módulos continuados e vão aprofundando o trabalho com esses promotores. E entre um módulo e outro, nós temos aquela ação da assessoria técnico-pedagógica permanente e a promoção de baterias e oficinas.

Por exemplo, nós já realizamos um módulo na região do Sudoeste da Bahia, mas essa semana, em Itapetinga, está lá com um grande seminário com várias oficinas. Jequié acabou de receber uma bateria de oficinas de trabalho que respondem algumas dificuldades que eles estão encontrando, na prática deles. E, assim, em outras regiões também.

Digitalizado com CamScanner

Essa estrutura de capacitação sistemática, continuada, permanente, não é um curso, um seminário isolado que vai oferecer matérias de trabalho. Você tem que oferecer uma bateria de módulos, de oficinas, de assessorias especializadas para enfrentarmos as questões que a prática vai nos oferecer.

Sérgio Mattos - Muito obrigado, professor.

Geraldo Maia - Francisco colocou que os livros de Ziraldo, Cecília Meirelles e outros não fazem parte do repertório dos professores quando eles saem para as salas de aula. Em relação à pergunta que o Sérgio fez quanto aos novos autores, aqueles que ainda nem são novos, que não estão em nível de Ziraldo, estão surgindo, ainda, às vezes não são nem editados, são autores que se auto-editam, mas que têm trabalhos dentro dessa condição que você apontou. Existe algum trabalho à nivel de Proler , Biblioteca Nacional, lá do Rio de Janeiro, para fazer esse pessoal aflorar? Porque, aqui na Bahia, não existe mecanismo nenhum.

Eu sou escritor, também trabalho com edição de livros.Em 91, eu lancei um livro, auto-editado, procurei a Biblioteca Central, no sentido de tentar divulgar nas escolas, associações, é um livro infanto-juvenil, uma linguagem plural, acessível, poética, direcionada para o imaginário. Procurei a biblioteca, em 92, e ela nunca sequer respondeu.

Parece que, aqui na Bahia, hoje, existe um trabalho sistemático para a destruição da atividade literária. Porque o Departamento de Literatura da Fundação Cultural não funciona, a Fundação Gregório de Matos não trabalha com edição, a Biblioteca Pública não se importa com isso, realmente.

Eu gostaria de saber se no seu estado existe alguma coisa para a gente poder se direcionar. Já que, aqui, não existe. O IBL é um oásis no meio desse deserto editorial, principalmente na renovação da abertura de espaço para uma nova atividade literária.

Francisco Gregório Filho - De certa forma eu respondi, mas não posso responder por outras ações. A Biblioteca Nacional tem o Departamento Nacional do Livro, e nós trabalhamos com o incentivo à leitura, com o programa de incentivo à leitura. Nessa constituição desses acervos básicos, nós não temos restrições. Estimulamos o aumento da produção, da circulação, enfim das edições. Agora, eu citei que a preferência por um trabalho com grupos que estão iniciando nesse universo da leitura, é uma preferência por obras indicadas, reconhecidas, obras abertas que possam oferecer um repertório que estimule a crítica, a criatividade, a fantasia, o imaginário e possibilite também oferecer indicadores de interação, com o social, e com a sociedade. Enfim, é o que eu posso responder. Eu não posso responder por outras ações.

Digitalizado com CamScanner

Maria Conceição da Gama Santos - Eu sou diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas, responsável pela aquisição das coleções que são distribuídas no sistema estadual de bibliotecas. Qual é mesmo o nome da sua obra?

Geraldo Maia - O último livro que eu enviei à biblioteca chamava-se *Atol, o mar que se perdeu de amor por um farol*. É exatamente para o público infanto-juvenil, fala de ecologia, do mar, no sentido de educar a criança para a visão da natureza. Este livro foi para sua mão e, até hoje, não recebi retorno nenhum. Quer dizer, é só para mostrar o tipo de mecanismo que o autor que está aqui na Bahia, afastado do circuito do Sul, enfrenta, neste momento. Ele quer levar seu trabalho para as escolas, bibliotecas, no sentido, até, de investir na renovação e no estado não existem instituições com este objetivo.

Maria Conceição da Gama Santos - Muito obrigado.Em primeiro lugar, gostaria de dizer o seguinte: o seu livro, realmente, passou pela minha mão, ele foi avaliado, consultamos o Departamento de Literatura, o qual funciona com uma série de ações que acho que o senhor não as conhece.

Em relação ao Departamento de Bibliotecas, é projeto nosso, mas, realmente, ainda não foi realizado, dispor de uma verba mensal para aquisição de publicação de autores baianos. Porque, desde 1991, nós temos trabalhado bastante em nível de aquisição, pois é importante a leitura. Mas para se fazer o projeto de leitura, você tem que oferecer coleção atualizada. Isso nós temos consciência que estamos oferecendo.

Agora, no caso do senhor, o seu processo está pronto, nós vamos conversar depois sobre isso, porque, realmente, é uma coisa mais difícil de se fazer, em função da forma como se faz as coisas no Estado. Eu acho que o senhor deve ter conhecimento de toda a matéria que nós temos, divulgada na imprensa, de recuperação dessas unidades e atualização dos acervos. Todos aqui presentes, que fazem a leitura dos jornais, sabem que nós temos uma grande preocupação com a leitura.

Eu já fui questionada, num determinado momento, que eu estava tentando administrar o caos. Eu acho que, realmente, encontrei o caos no Departamento de Biblioteca. Temos diretores, aqui, da minha área, que testemunham isso, e sabem que nós discutimos coisas mínimas, luz que não acendia a partir das cinco horas da tarde e, infelizmente, tivemos que parar todo um projeto maior que nós tínhamos a fim de entregar as unidades em condições de leitura, condições mínimas, essenciais, que se exigiam para isso.

Mas nós temos vários projetos de leitura na Monteiro Lobato, através da biblioteca de extensão e para isso nós adquirimos muitos livros, em torno de 55 mil livros por compra, e mais de 70 mil através de uma campanha que fizemos.

Digitalizado com CamScanner

Então, acho que não estamos sendo omissos, neste momento. Se algum caso, como o do senhor, não foi resolvido, resolveremos posteriormente.

Agradeço a oportunidade.

Sérgio Mattos - Eu sugiro que vocês conversem, posteriormente, até porque foge, um pouco, ao que estamos fazendo.

E gostaria de dar uma notícia: a Biblioteca Central da UFBa está convidando a todos para visitar a exposição que estará realizando, durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, no período de 23 à 29 de outubro. Trata-se da exposição de livros mutilados, intitulada " Violência na Biblioteca". São livros de arte e livros técnicos, que tiveram suas ilustrações recortadas, capítulos retirados etc. Esta exposição pretende alertar, principalmente a comunidade universitária, sobre a forma com que vem sendo tratado o patrimônio público.

Digitalizado com CamScanner